

RELATAR A SI MESMO: CRÍTICA DA VIOLÊNCIA ÉTICA

BUTLER, Judith. *Relatar a si mesmo: crítica da violência ética*. Tradução Rogério Betonni. 1 ed. 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015
ISBN 978-85-8217-688-7

Os escritos Judith Butler muito contribuíram e contribuem para a ampliação de conhecimentos acerca de conceitos como gênero, corpo, sexualidade, performatividade, ética e moral. Filósofa e estadunidense, a teórica nos presenteia com uma obra que discute temas sociais relevantes, trazendo novas formas de se pensar e produzir entendimentos sobre o mundo e nosso tecido social. Esta resenha objetiva introduzir o leitor a um de seus textos, o livro *Relatar a si mesmo: Crítica da violência ética*, de 2015. Dividido em três capítulos e um prefácio, este livro apresenta uma discussão com reflexões de Adorno, Nietzsche, Foucault, Hegel, Laplanche e Lévinas acerca da ética, do reconhecimento e da responsabilidade humana, pensando a respeito de como somos constituídos na vida social.

A grande pergunta norteadora do livro se pauta na questão: como um sujeito pode narrar a si mesmo? O que seria o "si mesmo" se somos resultados de um conjunto de atravessamentos sociais que o constrói (constantemente)? A autora, dessa forma, demonstra que o "eu" é fragmentado e desintegrado e o "si mesmo", neste processo, se constroem constantemente e a linguagem se torna crucial para a elaboração dos sujeitos.

De acordo com a concepção da autora, o sujeito não pode narrar a si mesmo sem se responsabilizar-se, e essa responsabilidade não está alheia às condições sociais em que está inserido. Além disso, Butler diz que o ato de narrar, de falar de si é uma tarefa sem fim. Sem fim, pois, ao falar de si, fala-se de tudo o que constrói o "si mesmo" e, nesse processo, o sujeito não sabe o que é dele ou da sociedade que o molda. Em outras palavras, não sabemos o que são interesses particulares e os interesses sociais, visto que "não somos simples díades independentes, uma vez que nossa troca é condicionada e mediada pelas convenções, pela sedimentação das normas que são de caráter social e que excedem a perspectiva daqueles envolvidos na troca" (Butler, 2015).

Para Judith Butler, a moralidade e a ética, se insere no entre o eu e o mundo (Butler, 2015). Ou seja, ela se insere na relação entre o eu e o mundo que, imersa sob um tecido social específico, se mantém de forma dialética: o "eu" se constrói pela sociedade e a sociedade é formada pelos "eus" que também deliberam valores morais e princípios éticos a depender de um contexto histórico e cultural específico. Nesse sentido, não sei nada de mim, sou despossuído (Butler, 2015) de mim, já que tudo que sei sobre mim são reverberações e conteúdos que fazem meu corpo ser marcado socialmente. Butler compreende que não há essencialismo. Não temos uma essência, não temos "algo pré-moldado". Somos produto constantemente construído, a depender da linguagem que age socialmente sobre nós e a depender também das nossas relações sociais.

A autora entende que somos "incompletos" e sujeitos sociais que performatizam práticas morais, definindo uma posição em relação ao que fomos construídos a respeitar e estabelecendo para nós um certo modo de ser que vale como uma realização moral de nós mesmos. E esta realização, a saber, só encontra sentido por intermédio do reconhecimento.

Butler explica que os sujeitos buscam serem reconhecidos e este processo só se realiza pelo olhar de um Outro externo ao sujeito. Este olhar, por sua vez, reconhece e despossui. Despossui na medida em que causa vulnerabilidade e insegurança social e civil frente ao (não) reconhecimento do sistema individual do sujeito. Para além disso, o próprio sujeito, considerando o fato de que ele é formado por um conjunto de convenções sociais e por formas de racionalidade que o tornam inteligível, se despossui, por não conseguir distinguir o que é seu, do outro e do meio em que se insere. Frente à leitura do texto, portanto, é possível pensar que com a incapacidade de nos distanciarmos do Outro que nos constrói, ao questionarmos sobre nós mesmos, ao questionar sobre a nossa história pessoal, estamos questionando a respeito de como a realidade ao nosso redor é organizada, ou seja, como a nível prático, teórico, cotidiano e existencial o processo de subjetivação é realizado e construído.

Ana Luíza Casasanta Garcia

Doutoranda no Programa de Pós graduação Interdisciplinar
em Ciências Humanas na Universidade Federal de Santa Catarina.
Mestre em Psicologia Social e Cultura pela Universidade Federal de Santa Catarina
Email: analuizagarcia@hotmail.com